

CARTA A DANIEL LINS OU DA FIDELIDADE À TERRA

Miguel Angel de Barrenechea¹

RESUMO: A proposta deste texto consiste em publicar uma carta aberta a Daniel Lins, lembrando o nosso encontro vital e acadêmico, acontecido há 19 anos, em outubro de 1998, na oportunidade em que eu estava organizando o evento *Assim Falou Nietzsche*, em Ouro Preto, na UFOP. Daniel me procurou para participar do simpósio, com a proposta de apresentar uma instigante e sugestiva palestra: “A escrita das origens: Artaud e Nietzsche”. Esse ousado e virulento trabalho suscitou muitos afetos, reflexões, ações e reações intensas, causando grande impacto num auditório impávido que, na expectativa de assistir a mais um trabalho acadêmico, encontrou-se com uma escrita radical, provocadora, que incitava a abandonar a conhecida passividade oriunda da maioria dos discursos universitários. Nesse momento, fomos convocados a participar de uma fala – e ainda desafiados a uma escuta – visceral, carnal, transgressora, sob a inspiração não menos virulenta dos dois autores “malditos” invocados: Artaud e Nietzsche. Nesta carta, eu tento dialogar com essas questões virulentas e viscerais provocadas por Daniel com sua escrita corporal, cruel e contundente; com sua escrita “máquina-de-guerra”, principalmente rememorando esse trabalho sobre Artaud e Nietzsche. Também rememoro algumas vicissitudes da nossa amizade que surgiu a partir dessa intensa experiência de pensamento e de afetos. Procuo refletir sobre os numerosos encontros e trocas que se sucederam nesses anos, tentando registrar minhas percepções e pensares nascidos nesses singulares encontros, marcados por um significativo nomadismo que nos levou a dialogar em diversos lugares do Brasil – desde o primeiro encontro em Ouro Preto –, como Rio de Janeiro, Fortaleza, São Paulo, etc. Finalmente, tento realizar um balanço dessa amizade e dessa singular

¹ Professor Titular da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

experiência de pensar, a partir das ideias e dos afetos oriundos da filosofia de Daniel Lins; filosofia que, mesmo transitando muitas vezes os caminhos acadêmicos, sempre se afastou das vãs erudições, das miúdas vaidades e preciosismos universitários, mas, ao contrário, sempre cultuou um pensar visceral, radical, carnal, isto é, sempre se manteve fiel à terra, à vida.

PALAVRAS-CHAVE: Daniel Lins. Carta. Fidelidade à terra. Escrita visceral.

Rio de Janeiro, outubro de 2017.

Querido amigo Daniel,

Escrevo hoje para você, do Rio de Janeiro. Um outubro cálido, como esses outubros incandescentes, que prenunciam o eterno retorno de Rio 50 graus. Um Rio selvagem, de florestas, lagoas e montanhas, de praias infinitas, de corpos suados, de corpos molhados, de corpos sofridos e também sensuais, ardentes. Um Rio que resiste e persiste, apesar de tudo. E como você bem sabe, não há governo neoliberal que tenha suprimido as lagoas, confiscado definitivamente os morros, ou escamoteado a imensidão verde deste país-continente.

Como você também sabe, avança implacável um plano mundial em que os capitais, perderam qualquer limite ou equilíbrio e pensam exclusivamente nos seus egocêntricos interesses: querem livre circulação do lucro, maximização de ganhos, relações laborais mais frágeis e *et cetera*. Um *et cetera* terrível, como uma denúncia, um proclame, um grito que não pode ser abafado. Mas, enfim, hoje não quero falar tanto desse contexto asfíxiante e desolador da política vernácula e mundial; o meu propósito é outro, mais alegre e entusiasta: quero falar dos corpos, afetos, intensidades e alegrias. Não há sistema social e político (ainda) que tenha confiscado o desejo, a celebração, a nossa música, a nossa festa permanente – que reluta incólume e se mantém invicta perante toda a opressão social; até agora, até que se demonstre o contrário, não há determinismo sociopolítico ou econômico que tenha conseguido proibir o êxtase dos corpos, o exagero dionísio das danças, os perenes acoplamentos rítmicos que permitem a produção incessante de novas vidas. Os sistemas políticos e os impérios passam, mas permanece invicta a reprodução, a continuidade, a celebração da vida.

Daniel, você me perguntará as razões dessa longa introdução, desse aparente e demorado vestibulo linguístico, dessa fala que quer explodir, mas ainda parece cândida na espera, no prefácio para algo ainda não dito. Você me desculpará, pois é árdua a minha tarefa neste dia de outubro. Os queridos amigos de Apoena solicitaram que eu escrevesse um artigo *sobre você*. Tarefa impossível, claro! Não posso escrever *sobre você*, *sobre* seus escritos virulentos, *sobre* seus pensamentos

ardentes, instigantes; ou *sobre* sua obra, tão relutante a ser chamada de obra, sistema ou construção de um pensar nos moldes eruditos ou convencionais. Imagina: falar de sua obra ou, melhor, de sua antiobra? Comentar seu percurso ou antipercurso?

Uma vez aceito o convite, isso me obriga e desafia a tentar caminhos alheios a todo academicismo, a todo afã teórico ou discursivo. E, então: o que posso fazer? Posso, sim, dizer que resplandece sua antiobra. O seu antipensar-acadêmico leva-me mesmo a recordar a nossa experiência e os fragmentos de vida partilhados em encontros acadêmicos que fugiam claramente a todo academicismo (lembra-se das festas? Das copas? Dos copos? Das praias?). Insisto: escrever *sobre* Daniel é impossível. Não posso transformar o pensar-máquina-de-guerra dele em um conjunto de fórmulas pasteurizadas; em sistemas tranquilizadores das filosofias oficiais; tornar seu pensar-vida em conceitos pesos-pesados ou em natimortos expedientes acadêmicos, posso?

Claro que não! Jamais será possível escrever *sobre* Daniel Lins. Escrever *sobre* é cristalizar, fechar, fechar a tampa, *mortuorizar*. É impossível pasteurizar, neutralizar quem faz da vida arte, potência, dança das letras, dos signos, dos afetos, de gestos intrépidos, que traz falas ardentes que rompem com todo amaestramento dos discursos tranquilizadores, das vidas burocráticas e anestesiadas. Não é possível escrever sobre Daniel; não é possível tecer uma escrita-túmulo, uma escrita-homenagem, uma escrita rememorativa. Não há rememoração, não há túmulo nem bronze, pois ele coloca em xeque toda escrita mortuória, toda mortalha celebratória, todo epitáfio; ele nos traz sempre um *pathos*-enloquecido do vindouro, do pulsante, do vivo, do visceral.

Peço desculpas: não há texto *sobre*, apenas uma carta, querido amigo, para recordar algumas histórias vividas, alguns pensares partilhados e prever outras ousadas, outros vinhos, outras intensidades, outras alegrias perante os sistemas que nos oprimem. Escrevo *para* você porque sua escrita incendiária, desde que lhe conheci em Ouro Preto, há justamente 19 anos atrás nos aproximou de uma forma radical e decisiva; seus escritos e palavras sempre me motivaram a percorrer novos caminhos, a tentar desbloquear a fala da pele, do rim, do fígado das vísceras; você me sinalizou pensares do vindouro e que não há tampa que possa ser jogada sobre a fala louca daqueles que escrevem com sangue, com urina e com fezes, com o corpo todo. Para esses pensadores nômades, loucos, não há cara feia, não há sistema universitário, social, político, econômico que possa vencer à perene fala dos órgãos vivos, palpantes. Não há enterro, não há ponto-final, não há *Fahrenheit* nem queima de livros ou de arquivos que derroque a palavra- peste, a palavra-Artaud, a palavra-Nietzsche, a palavra-Lins.

Posso te chamar, também, de Professor Daniel Lins; tua mestria foi sempre, e será, abrir sulcos na palavra e desafiar toda tentativa de restringir as vidas e os corpos. Daí o pensar dinamite, extra-acadêmico e sensual. Pensar selvagem. Pensar ameríndio e antropofágico. Cearense cascudo: incólume resistente contra o avanço de colonizadores e exterminadores de povos; de antigos predadores como os não tão longínquos “evangelizadores” (entre aspas, claro!) portugueses e espanhóis, que em nome de uma suposta palavra revelada, divina, verdadeira e imutável, produziram fogueiras, genocídios, extermínios de modos-de-vida-outros. Esses conquistadores do nada e lucradores de evangelhos tentaram modelar, amarrar e castrar nossos modos de vida. Mas como você sabe, foi uma vitória parcial que não conseguiu ainda derrotar os nossos modos de vida pulsantes, sensuais, vegetais, carnis; não houve e não há palavra revelada que tenha podido cancelar definitivamente uma cultura nascida nas Américas. Mesmo com a despótica importação de critérios, tábuas da verdade, metafísicas, religiões, evangelhos, filosofias, *shopping-centers*, *tablets*; assim como os neoevangelhos neoliberais que consagram trabalho escravo, destruição e exploração de florestas, exílio dos povos na sua própria terra... Mesmo assim, não puderam, não conseguiram cancelar definitivamente nossa palavra, nossa resistência.

Por isso, hoje comemoro o pensar danielesco ameríndio. Invicto e resistente, perante o poder todo-poderoso dos que trazem novamente, a sangue-e-fogo, uma nova bíblia, agora bíblia não transcendente, mas sacralizante do lucro, canonizadora do deus capital. *Linhas de fuga*: você, Daniel, com seus atos e sua palavra, oriunda de um nordeste castigado, castrado, esquecido – lembrado apenas em rituais carnavalescos, em grotescos *tour-de-sexo-fácil*, em rituais extrativistas –, mostra outros rumos, por mais difícil que pareça a peleja.

Daniel docente, Daniel pensador, Daniel militante da vida, sempre junta os cacos de um país que, além de ser muitos, é muito mais que o sul-maravilha; você reinventa a geografia, coloca corajosamente *o norte no nosso norte*. E sua fala, tão amordaça pelos neodetentores do saber, do agente do-de-fora, e do Brasil-sul-maravilha, essa fala vigorosa traz o testemunho e o grito daqueles que não podem calar. Brasil continente, continente índio, mestiço, europeizado, traz também o grito dos nortes, dos nordestes. Aqui se fala e aqui se grita. Você discute, em pé de igualdade, como você sempre fez com teorizadores das belezas além-mar, dos conceitos importados e canonizados, mas que muitas vezes ficam nus, em xeque, confrontados com a fala da peste ameríndia, que é um grito que perpassa um território imenso. Você não fala apenas do ser, do devir, da vontade de potência, dos nomadismos, dos eternos retornos; você pensa América, pensa seus órgãos, seus rios,

seus nômades esfolados e nos relembra histórias e dores arcaicas: pensares e sentires que não podem ser calados pelo pensar oficial. Em você se conjugam o verbo de Paris, a fala de Deleuze e Guatari, de Foucault e Derrida, a loucura e ousadia infinita de Nietzsche, o pensar fecal de Artaud, assim como explode nessa fala a revolta, as revoltas; reaparecem sombras e signos esquecidos, gestos ainda não esgotados de Canudos, de Tiradentes, de índios, de negros, de molambos, de tantos anônimos e excluídos. Sua palavra americana é um verbo ferido do Brasil que se levanta, anda, polemiza com os detentores de teorias sofisticadas. Sua palavra mestiça e *impura* confronta os signos supostamente puros dos *outros*; por isso se torna uma *palavra-outra*, palavra das margens, dos recantos, das linhas de fuga. Fala, Daniel! Hoje, muitos calam, é hora de re-exercermos a palavra. Fala!

Querido amigo: escrevo em outubro. O texto é para Apoená, bela palavra ameríndia que alude aos que “enxergam longe”, como você mesmo. Como você, que enxergou que é possível forjar um pensar e um sentir brasileiro sem ser apenas um coadjuvante de pensares e sentires europeus e norte-americanos. Agradeço muito pela amizade desses anos; principalmente pelo gesto, pelo exemplo, pela instigação, pela contaminação, por doar um *pathos* explosivo, que não se quebra nem se dobra. Isso tudo cobra muito mais valor agora, caro amigo, nesse momento de desertificação, em que tudo parece levar ao cansaço, à resignação, à sobrevivência medrosa covarde e complacente; você me instiga, me motiva a resistir, a afirmar. Isso é o mais precioso, isso vale ouro; esse legado e esse exemplo é uma fonte de alegria. *Gracias!*

Mas agora, aludo brevemente, a esse nosso histórico conjunto. Lembra-se de novembro 1998? O nosso encontro foi justamente no maravilhoso Teatro Municipal de Ouro Preto, em um simpósio que organizei junto com o querido amigo Olímpio Pimenta, e naquela época chamamos, talvez muito pomposamente: *Assim falou Nietzsche*. Que ousadia a nossa de tentar decodificar justamente a palavra do franco-atirador da palavra. Enfim, assim falamos nós em Ouro Preto sobre Nietzsche (aqui sim “sobre”). Lembro que o primeiro contato foi sua ligação telefônica, na qual se apresentou como amigo de Roberto Machado e, já quando estava totalmente fechada a programação, solicitou participar do simpósio. Destacou, inclusive, que iria até lá “por conta própria”, porque queria muito estar em um evento sobre Nietzsche, justamente em Ouro Preto, terra de revoltas, de rebeldia, mas também de estudantes, de gringos, de alegria permanente.

E o nosso encontro foi a matriz de muitos outros encontros, de muitas trocas, de uma amizade permanente, mesmo forjada de distâncias e contatos rápidos, efêmeros, mas sempre

potentes e intensos. Mas cada reencontro foi para mim um reforçar laços, reinaugurar afinidades, reinventar pensares e sentires. E foi para Ouro Preto, justamente que você levou a peste, a ousadia, a coragem de esgrimir uma fala-artilharia-pesada, inspirada em Nietzsche e Artaud. Tivemos a alegria, durante uma semana de novembro, daquele penúltimo ano do passado século, de contarmos com centenas de estudantes e com queridos e admirados colegas e palestrantes, como Roberto Machado, Rosa Dias, Cristina Ferraz, Rogério Lopes, Guiomar de Gramont, o próprio Olímpio Pimenta, Rodrigo Duarte, Viviane Mossé e tantos outros. A sua fala “A escrita das origens: Artaud e Nietzsche” foi uma genuína máquina de guerra contra as correntes antivitais, contra os puritanismos, as falsas morais, as religiões e metafísicas pasteurizadas, contra as vãs erudições de eunucos-homens-teóricos; sua fala foi realmente um sopro de ar fresco, de intensidade e virulência nos afetos e nos pensamentos. Você invocou nada menos que Artaud e Nietzsche: pesos pesados da transgressão contra todo o puritanismo de uma tradição ocidental que castrou os corpos, reprimiu sentidos e pretendeu controlar rigorosamente prazeres, sexos, orgasmos.

Astutamente, você se associou a dois pensadores nômades que detonaram o moralismo, a esterilidade dos filósofos institucionais, esses “burocratas do nada”. Sem dúvida, a sua fala tão danielesca (tão artaudiana-nietzschiana!) colocou em primeiro plano (*Comme il faut!*) todos os gloriosos miasmas do corpo: as secreções, as umidades, os gozos, as cagadas, as urinadas; e também exaltou com uma irônica e diabólica inocência os não ditos do discurso oficial: as vaginas molhadas, os paus eretos, os ânus amados, penetrados, os gozos, celebrando os sagrados líquidos corporais. Enfim, você se colocou para além do bem e do mal, falando do vivo, do visceral, do genuinamente humano na sua carnalidade, na sua animalidade, na sua sacra bestialidade. Daniel-máquina-de-guerra, você marcou definitivamente aquele evento. Seu texto cutucou, encurralou, desflorou discursos oficiais, e foi um orgasmo de alegria entre estudantes, professores, estudiosos, curiosos, bêbados e outros “penetras” que ingressaram na festa profana daquele glorioso *Assim falou Nietzsche*.

Foi um momento inesquecível, querido amigo. Ousadia, doação, caminho aberto, proposta de vida para além de tantos cantos de sereia, que há tantos milênios nos esterilizam. Após Ouro Preto, seguiram muitos outros encontros. Você fundou Deleuze-Nietzsche ou Nietzsche-Deleuze em Fortaleza e foram dez eventos no nordeste-norte, nove no Ceará e outro em Belém. Daniel sempre convoca filósofos, artistas, estudantes, surfistas, pensadores, bêbados, amas de casa, cantores e poetas. Como Walt Whitman, você chama a todos a sentar-se à sua mesa. Não devia

faltar nenhum. Não faltou! Editou diversos livros, organizou outros eventos; Daniel continua hoje junto ao vento, junto aos corpos, juntos aos jovens e aos velhos; junto aos outros e às outras; circulando na academia e para além da academia.

Hoje, os “meninos” (Gustavo, Ruy, Fabien, Thiago, Leonel... Sou gentil com vocês!) e as meninas (Marília, Luana...) da Apoena se lembram de você: do incêndio que você trouxe do Ceará e espalhou pelo Brasil, incêndio que continua espalhando junto aos que também *enxergam* longe.

Desculpe-me, caro amigo, por não conseguir escrever *sobre* você; nem uma carta decente eu consegui elaborar. Creio que é a contaminação de um pensamento-esquizo, nômade, de um pensamento- peste. E outro problema é que agora nem posso concluir, porque não há nada para concluir, para definir, para sintetizar em se tratando de você. Somente poderia agradecer essa contaminação, essa peste do pensar e do viver que você me inoculou há tantos anos. Além disso, posso declarar mais uma vez a minha gratidão porque justamente nestas épocas sórdidas, decadentes, mesquinhas, você me mostra que sempre é possível instaurar outros caminhos, por mais forte que seja o adversário, o ditador de turno.

Querido Daniel, até os próximos pensares e sentires... Até as próximas copas! A gente se vê em novembro, no Ceará!

Un beso,

Miguelangel